



COLETÂNEA JAÊ
Literaturas Negras



COLETÂNEA JAÊ

Literaturas Negras

PROJETO JAÊ – EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE

Coordenação Geral: Cristiane Tavares

Coordenação Gestão: Alessandra Tavares

Analista Gestão: Raquel Porangaba

Formadores: Renata Caiuby e Wesley Lins

Identidade visual: Silvana Martins

COLETÂNEA JAÊ – Literaturas Negras

Assessoras pedagógicas da SME que acompanharam as rodas de leitura Literaturas Negras: Aline

Marchesini Cruz, Jeanette Scarazzatti, Juliana Ramos, Matilde Forti Rocha, Maria Assunta Colleta e Samantha Rosolen

Mediadoras das rodas de leitura Literaturas Negras:

Eva Suzana Tucci Alves, Maricelia de Jesus Xavier, Reinado Tetzlaff, Valdenice Cardozo e Viviane Martins

Projeto gráfico e diagramação: Emily Stephano

Realização



Secretaria Municipal
de Educação

Parceria técnica



APRESENTAÇÃO

O *Projeto Jaê - Educação para Equidade* é uma parceria da Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d'Oeste com a CE CEDAC e o Itaú Social. A difusão cultural é um dos importantes eixos que compõem o projeto e uma de suas principais ações são as *Rodas de Leitura Literaturas Negras*, que acontecem bimestralmente, em diferentes pontos da cidade.

O objetivo destas rodas é ampliar o repertório de autoria negra, além de fomentar discussões em torno de questões vinculadas às relações étnico-raciais presentes nas obras. As mediadoras de leitura costumam abrir os encontros propondo uma apreciação coletiva de um poema, conto ou crônica escrito por autoras e autores negros.

Reunimos nesta coletânea, então, alguns textos selecionados por elas, pela equipe de assessoras pedagógicas de SME e pela equipe de formadoras da CE CEDAC, com o intuito de ampliar ainda mais o acesso dos leitores a estes textos. A leitura e apreciação dos textos podem ser realizadas em situações formativas na escola.

Você encontrará aqui textos de autoras e autores consagrados, como Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Lima Barreto e Machado de Assis, além de textos de nomes menos conhecidos, como Jenyffer Nascimento e Rupi Kaur.

Desejamos ótimas leituras e conversas!

Equipe Projeto Jaê - Educação para Equidade
Novembro | 2022

COLETÂNEA JAÊ

Literaturas Negras

SUMÁRIO

Poemas

- 06 De Mãe - Conceição Evaristo
- 07 Identidade - Carlos De Assumpção
- 08 Ressonância - Geni Guimarães
- 09 Teimosia - Sergio Vaz
- 10 Palavrear - Ricardo Aleixo
- 13 Vozes-Mulheres - Conceição Evaristo
- 15 Identidade - Jenyffer Nascimento
- 17 Sem Título - Rupi Kaur
- 17 Bolinhas de Gude - Solano Trindade
- 18 O Cordel Da Amizade - Jarid Arraes
- 20 Toque De Reunir - Solano Trindade
- 21 Vida - Solano Trindade
- 23 quem tem medo da palavra NEGRO - Lubi Prates

Contos

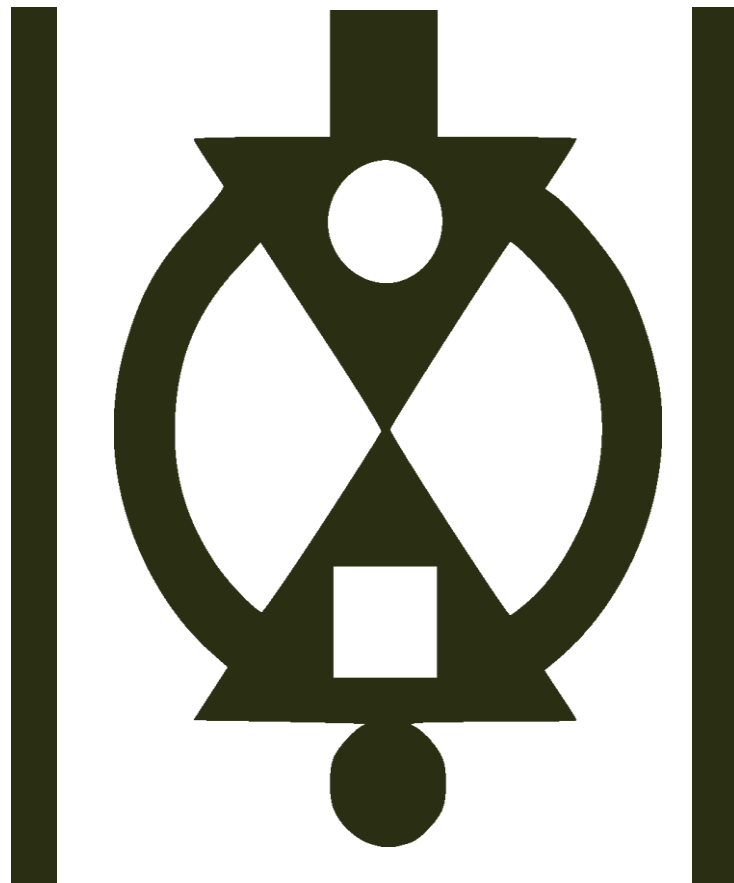
- 25 Ser treze Astolfo Marques
- 32 Homem ou boi de canga? - Lima Barreto
- 37 Metamorfose - Geni Guimarães
- 47 Olhos d'água - Conceição Evaristo
- 52 Lembrando parece cinema - Elisa Lucinda
- 54 Pai contra mãe - Machado de Assis
- 69 Construção - Cidinha da Silva

Crônicas

- 77 Maria do Rosário Imaculada dos Santos - Conceição Evaristo
- 86 Tristezas alegres - Martinho da Vila
- 89 Thriller- Cidinha da Silva
- 92 Maratonista - Jenyffer Nascimento



POEMAS



DE MÃE

O cuidado de minha poesia
aprendi foi de mãe,
mulher de pôr reparo nas coisas,
e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala
na violência de meus ditos
ganhei de mãe,
mulher prenhe de dizeres,
fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro
veio dela todo o meu ganho
mulher sapiência, yabá,
do fogo tirava água
do pranto criava consolo.

Foi de mãe esse meio riso
dado para esconder
alegria inteira
e essa fé desconfiada,
pois, quando se anda descalço,
cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegou
para os cantos milagreiros da vida
apontando-me o fogo disfarçado
em cinzas e a agulha do
tempo movendo no palheiro.



Foi mãe que me fez sentir as flores
amassadas debaixo das pedras;
os corpos vazios rente às calçadas
e me ensinou, insisto, foi ela,
a fazer da palavra artifício
arte e ofício do meu canto,
da minha fala.

[Conceição Evaristo, *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, pp. 79-80.]



IDENTIDADE

Muita gente esquece irmão
Esquece maldosamente
Que negro tem coração
Tal como tem toda gente

[Carlos de Assumpção, *Não pararei de gritar - Poemas reunidos*, Companhia das Letras, 2020, p.16]

RESSONÂNCIA

Enquanto posso pensar,
escrevo falo.
Tiro as amarras dos nervos
e as sustento em fogo brando.

Perfaço
minhas histórias,
dou aos meus netos, Zumbi
com seus feitos de bravura e glória.

Enquanto posso pensar,
falescrevo,
reencarnando Mandela,
pintando uma nova tela
para enfeitar os peitos dos meninos.

E quando não mais puder
hastear na fala esta bandeira,
sacudir toda a poeira
despejada sobre nós, então,
daí então, os passos que andei, os gritos que gritei,

regerão a orquestra
da descendência.

Meu replante, meu transplante, trovoadão.
Mais que trovão, serei eco.

[Geni Guimarães, *Poemas de Regresso*. Rio de Janeiro: Malê, 2020, p.95]



TEIMOSIA

Não adianta
quebrarem minhas pernas,
furar meus olhos
ou falar pelas costas

O que sustenta meu corpo
são minhas ideias.

Braços descruzados,
tenho um cérebro com asas
e sou todo coração.

Se me proibirem de andar sobre a água,
nado sobre a terra.

[Sergio Vaz]



Minha mãe me deu ao mundo
e, sem ter mais o que me dar,
me ensinou a jogar palavra
no vento pra ela voar.

Dizia: “Filho, palavra
tem que saber como usar.
Aquilo é que nem remédio:
cura, mas pode matar.

Cuide de pedir licença,
antes de palavrear,
ao dono da fala que é
quem pode lhe abençoar

e transformar sua língua
em flecha que chispa no ar
se o tempo for de guerra
e você for guerrear

ou em pétala de rosa
se o tempo for de amar.
Palavra é que nem veneno:
mata, mas pode curar.

Dedique a ela o respeito
que se deve dedicar
às forças da natureza
(o animal, a planta, o ar),



mesmo sabendo que a dita
foi feita pra se gastar,
que acaba uma, vem outra
e voa no seu lugar.”

Ainda ontem, lá em casa,
me sentei pra conversar
com as minhas duas meninas
e desatei a lembrar

de casos que a minha mãe
se esmerava em contar
com luz de lua nos olhos
enquanto fazia o jantar.

Não era bem pelo assunto
que eu gostava de escutar
aquela voz que nasceu
com o dom de se desdobrar

em vozes de outras eras
que voltarão a pulsar
sempre que alguém, no vento,
uma palavra jogar.

Gostava era de poder
ver a voz dela criar
mundos inteiros sem quase
nem parar pra respirar



e ganhar corpo e fazer
minha cabeça rodar,
como roda ainda hoje,
quando, pra me sustentar,

eu jogo palavra no vento
e fico vendo ela voar

(jogo palavra no vento
e fico vendo ela voar)

[Ricardo Aleixo, **Mundo Palavreado**,
Editora Peirópolis, 2013]



A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.



A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

[Conceição Evaristo, *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed.,
Ed. Malê, p. 24-25]



IDENTIDADE

Cansei de ser uma foto 3x4
Acompanhada por uma
sequência de dígitos.
Cansei de ser número
No RG, CPF, Título de Eleitor
Passaporte, Carteira de
Trabalho.
A burocracia nunca me
enxerga como gente.

Eles não sabem da cor azul
Que fui a Bahia e vi Dona Canô
na festa de Reis
Que choro quando leio a Cor
Púrpura
Nem que passo as tardes
ouvindo Benito de Paula.
Cansei de ser número
Engrossando as estatísticas
De mãe solteira sem superior
completo
De mulher negra que sofreu
violência doméstica



Que agora sou parte dos 56% de classe C
Segundo a revista Exame.
Vexame.
As estatísticas não sabem, por isso não divulgam
Ando triste, confusa e ruim da memória.
E no posto de saúde.
Onde sou apenas mais um número no SUS
Não tem psicólogos para sequer uma consulta.
Desconfio que psicólogos devam atender
Apenas números inteiros e não os fracionados como eu.
Preocupa-me
No futuro, tudo ficará mais simples
Seremos como um código de barras
É só passar no leitor e pronto!
Teremos até preço
(a depender da inflação)
Um número com cifrão.
Lamento aos burocratas
Aos analistas organizacionais
Aos pesquisadores e estatísticos
Enquanto houver brilho nos olhos
Não posso, nem quero ser só um número.

[Jenyffer Nascimento, *Terra fértil*, Ed. Mjiba, 2014, p. 18]



é uma honra
ser da cor da terra
será que você imagina a frequência
com que as flores me chamam de casa

[Rupi Kaur, *O que o sol faz com as flores*. São Paulo, Editora Planeta, 2018. p. 227]



BOLINHAS DE GUDE

Jorginho foi preso
quando jogava bolinha de gude
não usou arma de fogo
nem fez brilhar sua navalha

Jorginho era criança igual às outras
queria brincar
O brinquedo poderia ser um revólver
uma navalha
um pandeiro
quem sabe um cavalinho de pau
Jorginho queria brincar

Jorginho viu um filme americano
no outro dia
fez uma quadrilha de mentirinha
sempre brincando
a quadrilha foi ficando de verdade
Jorginho ficou grande como Pelé
todos os dias saía no jornal...

Televisionado
só não deu autógrafo
porque estava algemado

Ele era o facínora
que brincava com bolinhas de gude.

[Solano Trindade. Cantares ao meu povo. São Paulo: Editora Fulgor, 1961]



O CORDEL DA AMIZADE

Como duas mãos se tocam
No encaixe do momento
Chega a parecer destino
Um tamanho sentimento
De uma pessoa aqui
Que encontra outra ali
Sentindo pertencimento.

Os olhos da amizade
Descortinam muito além
Que só na sinceridade
Sabe lhe enxergar também
O amigo que te ama
Nunca que ele te engana
Nem te entrega pra ninguém.

Não se faz de esquecida
A memória da amizade
Sobre as linhas tracejadas
Que separam as cidades
Seja numa tela escrita
Ou na lágrima escorrida
Inda vive uma saudade.

Se o céu cair inteiro
Tudo sendo escuridão
E o joelho fraquejar
Temeroso do trovão
Eu te digo o que persiste
E em encorajar insiste:
O amigo em prontidão

Amizade é coisa linda
Pode vir de toda forma
Não conhece preconceito
Ao chamado não demora
Não se cala na defesa
Mesmo que não saia ileso
Regenera, se transforma.

É feroz, é bem mansinha
Maternal e protetora
Chama pra beber cerveja
Colorida e instrutora
A beleza da amizade
Está na diversidade
Disso é uma escritora

No entanto, escute bem
O que mais é relevante
Que você jamais esqueça
De quem é mais importante
O maior, melhor amigo
É o que já está contigo:
Do teu peito é habitante.

[Jarid Arraes, 2019]



Vinde irmãos macumbeiros
Espíritas, Católicos, Ateus.
Vinde todos os brasileiros.
Para a grande reunião.
Para combater a fome
Que mata a nossa nação

Vinde Maria Pulcheria
João de Deus, José Maria
Anicacio, Zé pretinho
Para a grande reunião
Para combater a malária
Que mata a nossa nação

Vinde trapeiro, pedreiro,
Lavrador, arrumadeira,
Caixeiro, funcionário.
Combater a tuberculose
Que mata a nossa nação

Vinde irmãos sambistas.
Da favela, da Mangueira
Do Salgueiro, Estácio de Sá.
Para a grande reunião.
Combater o analfabetismo
Que mata a nossa nação.

Vinde poetas, pintores,
Engenheiros, escritores,
Negociantes e médicos
Para a grande reunião
Combater o fascismo
Que mata a nossa nação

[Solano Trindade. 1908 - 1974 - **Poemas antológicos de Solano Trindade** /
Editora Nova Alexandria, São Paulo, 2007 / Coleção obras antológicas]



Aos irmãos e amigos
Cinquenta anos vividos
Sentidos
Muita emoção
Muita ventura
Uma dor aqui
Um prazer ali
Muito amor no coração
Na alma e no corpo
Jogando canções ao mundo
Poemas ao povo
Fiz seis filhos
Quatro vivem
Dois foram para o ignorado
Cri em Deus
Hoje não creio

Sou feliz
Sou infeliz
Depende da hora e do tempo
Fui prisioneiro
Fui libertado
Sou amante da revolução
Amo a paz
Amo a arte
Amo a aventura
Gosto da realidade
Gosto da ilusão
Amo o oprimido
Odeio o opressor
Amo às mulheres

De qualquer tipo
De qualquer raça
De qualquer cor
Nem por todas sou amado
Amo a saudade
Amo os meus queridos
Cleia a dos olhos verdes
A Lourdes morena
A Lourdes branca
A Neusa, a Adalgisa
A Luíza da farmácia
A Carmem que fazia rendas
A Aninha, a Joaninha
Da Torre...
Hoje amo outros nomes
A Margarida da casa
A Margarida da rua
Amo a cachaça boa
O café quentinho
Amo as noites na macumba
Amo a gafeira
Amo o samba da rua
Amo o folclore
Amo o beijo
Amo as multidões
Amo a saudade
Do menino de ouro
O meu pai
Amo a saudade
Da Merença
Minha mãe
Amo a saudade

De Águeda, Bio, Penha, Charuto
Os meus irmãos
Amo a saudade
Dos amigos de Recife
Salvador, Pelotas, Belo
Horizonte,
Sabará, Rio Grande, Porto
Alegre,
São Paulo,
Amo a saudade
Dos amigos que foram embora
Para a América
Para África
Para Europa
Para Ásia
Para Oceania
Para o céu
Para o inferno
Para a imaginação
Para o ideal
Para a fé
Amo as virgens
Amo as desvirginadas
Amo o amor
Já tenho os cabelos brancos
Só é jovem quem ama
É o meu amor à vida
É cada vez maior.



quem tem medo da palavra NEGRO

quem tem medo da palavra
NEGRO

quando ela não ultrapassa
as páginas do dicionário e
do livro de História?

quem tem medo da palavra
NEGRO

quando ela está estática ou
cercada por outras palavras
nas páginas policiais?

quem tem medo da palavra
NEGRO

se transformam em:
moreno mulato
qualquer coisa bem perto de
qualquer coisa quase
branco?

quem tem medo da palavra
NEGRO

se quando eu digo
faz silêncio?

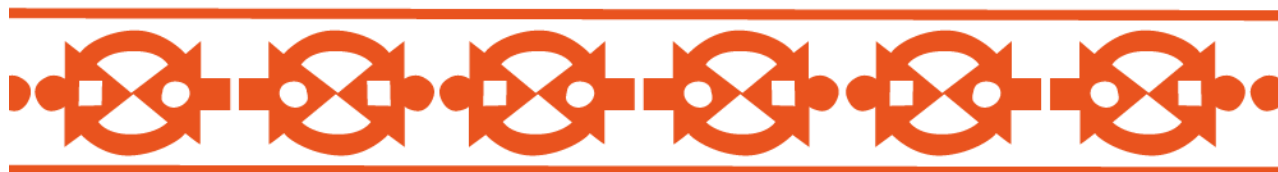
quem tem medo da palavra
NEGRO

que eu não digo?

quem
tem
medo
da
palavra
NEGRO

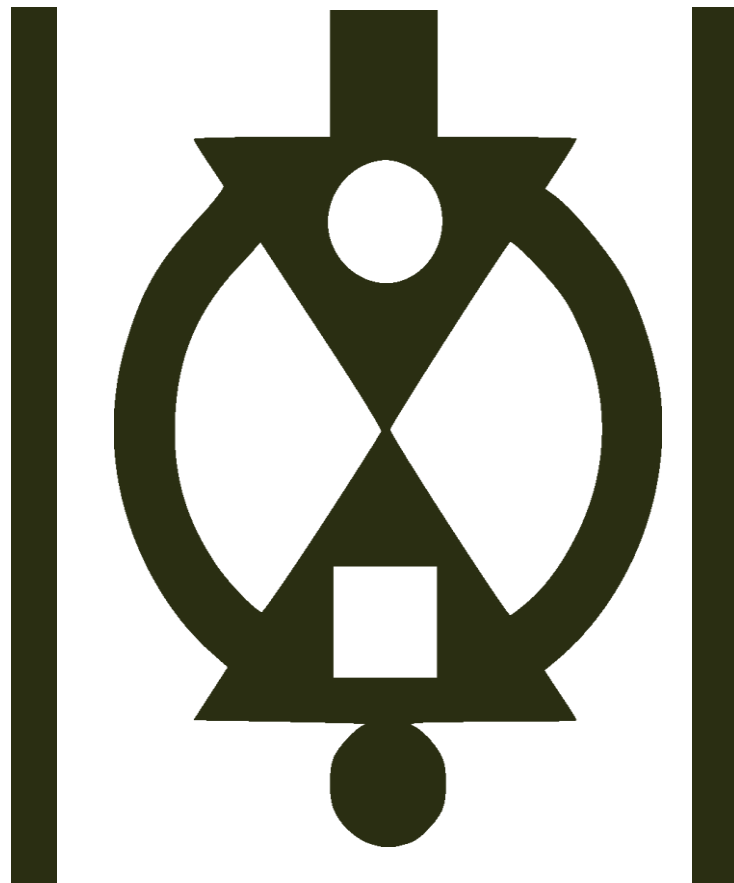
quando ela não faz pessoa:
carne osso e fúria?

[Lubi Prates. *Até Aqui*. Editora Peirópolis, 2021. p.74 e 75]





CONTOS



À memória de Joaquim Serra¹

Anoitecera, havia pouco.

Na Avenida Maranhense conversavam, num dos bancos recentemente colocados ali no antigo largo do Palácio, as duas comadres Eleutéria e Raimunda Codó.

Decorreram muitos anos já que as duas mulheres não sabiam notícias uma da outra, apesar de noutros tempos serem unidas carne com ossos e morarem sob o mesmo teto, bebendo água juntas, dormindo na mesma tipoia, fumando no mesmo cachimbo e bebendo do mesmo mingau.

Circunstâncias imperiosas separaram as duas amigas, havia doze anos, ficando a Eleutéria na cidade e indo a Codó residir em Viana, donde só voltara em fins do ano passado.

Tão prolongada ausência, entretanto, não arrefecera aquela amizade fraternal. Pelo contrário, tornara-a

¹ Joaquim Maria Serra Sobrinho (1838-1888) foi um jornalista e escritor maranhense que se destacou na luta contra a escravidão no Brasil. Em São Luís, colaborou com diversas revistas literárias, entre as quais *A Coalizão*, *Ordem e Progresso*, *Imprensa* e o *Semanário Maranhense*. No Rio de Janeiro, para onde deslocou-se em 1868, colaborou em jornais de feição liberal como *A Reforma* e *A Folha Nova*. A maior parte de seus textos em favor da abolição era assinado com pseudônimos, fato que contribuiu para que seu nome caísse na obscuridade. Machado de Assis nos legou o seguinte depoimento sobre o autor (na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1888): “Era modesto até na reclusão absoluta. Suas ideias saíam todas endossadas por pseudônimos. Eram como moedas de ouro, sem efigie, com o próprio e único valor do metal. Daí o fenômeno observado ainda este ano. Quando chegou o dia da vitória abolicionista, todos os seus companheiros de batalha citaram gloriosamente o nome de Joaquim Serra entre os discípulos da primeira hora, entre os mais estrênuos, fortes e devotados; mas a multidão não o repetiu, não o conhecia.” (Matheus Gato).

crescente, e agora, que não mais se separariam, a Eleutéria apresentava à Codó uma criança vivaz e robusta para ela ser madrinha, ficando assim para todo o sempre alicerçada a antiga afeição.

A conversa se ia encaminhando sobre múltiplos assuntos quando na igreja da Sé o sino vibrou forte e sonoramente as sete horas. Parece que aqueles melífluos sons, ferindo os ouvidos das duas amigas, reavivou-lhes na memória do passado.

Assim foi que a Raimunda Codó, lançando a vista para a Catedral, falou à amiga:

– Sabes de que me *alembro*, quando eu olho ali p'ra igreja da Sé? De quando gritou a liberdade; da festa de arromba que ali se fez, Eleutéria!

– É verdade, minha comadre, parece que foi ontem... Mas já lá se vão dezessete anos, que não são dezessete dias!

– A procissão de Nossa Senhora da Vitória, ali naquela Sé, pelo Treze de Maio, eu nunca vi outra mais bonita!

– E foi só isso? E as passeatas? Chega a gente não tinha mais tempo nem p'ra comer. De vez em quando os foguetes estouravam e a música zabumbava por aí afora, e lá a gente, se estava em casa, descansando, era só trançar a saia na cintura e ganhava o bredo.

– Tu te *alembra* da Margarida, aquela da casa das Macedos?

– Eh! Essa rapariga era levada da breca. Pois ela não teve coragem de, assim que chegou o telegrama dizendo que

não havia mais escravos, chegar-se p'ras senhoras e dizer: “Agora todos somos iguais, quem quiser que vá ao Açougue. Quando as senhoras quiserem, têm uma casa às ordens no beco do Rancho”! E foi saindo acompanhada dum carroceiro com o seu baú na cabeça. As brancas ficaram todas com cara de André.

– E quando se fez uma passeata para cumprimentar o Maranhense e o Victor Castello², que Deus os chame lá, que os pretos do Jerônimo Tavares apedrejaram a casa daqueles brancos que tinham muitos escravos, lá na praça d'Alegria?

– Mas, minha comadre, tudo isto contado não é acreditado. E a Vitória, das “Corações de Ferro”³, que largou o balde lá no mercado, e não apareceu mais nas casas das senhoras...

– ...Que elas mandaram a polícia e o chefe respondeu que

² O autor refere-se a José Maria Baptista Maranhense e Victor Cancio da Silva Castello. Descritos como homens de cor, ambos foram, em 1885, fundadores do Clube Artístico Abolicionista Maranhense. Infelizmente a literatura historiográfica ainda não se debruçou sobre a trajetória desses dois ativistas. Entretanto, o escritor negro José do Nascimento Moraes (1882-1958) nos deixou um vivo perfil de José Maria no romance *Vencidos e degenerados* (1915): “Maranhense era mulato, mais baixo que alto, e careca. Contava quarenta e tantos anos, grisalho, gordo e simpático. Marceneiro de profissão, e estudante nas horas vagas, tinha decidido gosto pelas letras, pela ciência, por tudo enfim que fosse domínio da inteligência humana. Se bem que não lhe fosse possível cultivar espírito com o trato constante do estudo, em disciplinas regulares, fazia, contudo, o que estava ainda à altura de suas forças; procurava relacionar-se com os literatos da terra, chegava-se a aqueles de quem apregoavam um espírito esclarecido; e, como era inteligente, de uma assimilação fácil, deu força à sua loquacidade. José Maria discutia, argumentava, tinha ideias e pensamentos, e os expunha sempre, defendendo-os quando se fazia preciso, ajudado do bom senso que sempre tivera. Entusiasta impressionável, agitador e cheio de resolução, entre os abolicionistas do grupo tomou posição evidente, e sua casa, que já era um ponto de conversação assiduamente frequentado por muitos intelectuais da época, tornou-se um dos centros de reuniões dos abolicionistas. Os escravos o consideravam um dos seus protetores; e, porque era sincero na causa que defendia, eles o procuravam para tratarem da liberdade deles.” (Matheus Gato).

³ O autor, provavelmente refere-se a senhoras de escravos maldosas, assim apelidadas e conhecidas na cidade. (Matheus Gato).

o tempo de prender escravos já se havia acabado, que agora eram todos iguais.

- E elas ficaram com a cara deste tamanho!
- E nunca que a Vitória foi perdoada, pois, quando o Queirós foi delegado de polícia, elas arranjaram um aranzel com a rapariga que ela não só se meteu em bolos como teve a cabeça raspada.
- Mas o que não se pode negar é que as festas foram de estrondo.
- Também, foi só naquele tempo. Hoje está tudo mudado. Nem uma festinha mais se faz p'ro Treze de Maio.
- Sabe quem ainda faz um festejozinho, muito limitado, quase só p'ros de casa e os mais amigos? É nhá Amância, lá no Caminho Grande.
- E que não tinha obrigação, pois ela não foi treze. Ela é das que têm carta no cofo; ao passo que as *tais* de “alforria por decreto”, assinado com pena d'ouro, essas se vão esquivando...
- É, minha comadre, a grande questão é que, hoje, ninguém quer ser treze; quando se puxa uma conversazinha diante dos que foram, eles vão logo escapulindo-se.
- Pois, outro dia, senhora, eu não tive uma pega com a Maria Benedita, lá no canto do Ribeirão?
- Deveras, minha comadre?

– É como te digo. Ora, nós que conhecemos Maria Benedita desde negrinha, com aquela canela seca, vendendo arroz de Veneza, da fazenda do coronel Gonzaga! Sabes o que ela teve coragem de dizer, na minha presença? Que ela foi *forra* na pia,⁴ que nunca conheceu cativoiro, que foi criada como branca e outras gabolices mais. Ora dá-se p'ra isso!

– Muito bem arranjado, esse negócio! Ora a Maria Benedita! Ela que dê uma folga nisso, e que faça por menos...

– Mas também, eu desanquei a negra que ela ainda me fiou restando! E ela agora há de andar na certa comigo. Trastejando, eu 'stou-lhe no piso...

– Quando ela estiver com essas pabulagens, diga-lhe: “Cuida com o teu corpo, rapariga, que tu não “tás fazendo nada”...

– Não, p'ra cá agora ela vem de carrinho; quando não, estamos com o carro no toco. Na minha presença ninguém vem se apurar.

– Bem faço eu, que não nego o que fui. E p'ro quê? Eu sei perfeitamente que Deus Nosso Senhor não deixou cativo no mundo, que isso foi uma história dos homens. Por isso não vejo de que me hei de envergonhar. Digo em alto e bom som que fui escrava, e que achei um filho de Deus que deu por minha carta quinhentos bagarotes! Tenho- a no meu cofo!

– E eu digo em alto e bom som que fui liberta no dia

⁴ Expressão que designava as pessoas que foram libertadas ao nascer, no ato do batismo. (Matheus Gato).

primeiro do ano de oitenta e oito, do mesmo em que veio a lei de Treze de Maio. Sabes como os meus brancos eram atilados. Parece que a coisa rosnou lá por cima e eles p'ra fazerem "um bonito", passaram a minha carta. Já se vê que eu também tenho carta no cofo...

– Bom, assim como nós, está bem, porque só dizemos a verdade. Mas essas outras que aí andam, que p'ra não dizer nem que foram treze nem que têm carta no cofo, dizem que foram forras na pia?! Uma onça!

– Estão pensando que a gente veio ao mundo ontem. Mas hão de ser sempre desmascaradas.

– Dê daqui, dê dali, o que é certo é que o Treze de Maio aí vem e não se fala numa só festa, a não ser nessa de nhá Amância e, talvez, algum arrasta-pé em casa de nhá Domingas. Pra que tamanha ingratidão com esse dia, que é grande, que é todo nosso!

– Eu cá por mim sempre guardei o dia e hei de guardar enquanto Deus Nosso Senhor me emprestar vida e saúde. É o mesmo que ser um domingo ou um dia santo grande...

– A mesma coisa se dá comigo. E o que há mais de admiração nisso é que nenhuma de nós foi treze; temos ambas as nossas cartas no cofo.

– É por isso que dizem que o melhor sentimento é o que se concentra no coração e não o que se alardeia. Não fazemos festa porque não podemos; mas guardamos o dia com a maior veneração, cá no nosso peito. Ser treze é uma grande coisa, Eleutéria!

– É uma honra, minha comadre!

Estas últimas palavras foram saudadas pelo mesmo sino, que, dando agora as nove horas, o sonoro e cadenciado bimbalar como que bendizia aquelas duas mulheres que numa linguagem simples, banal, confessavam o seu ardente patriotismo, o seu amor e devotamento pela grande data dos brasileiros.

*

A estas horas certamente que, como elas, muitos comemoram no coração a data da lei que fraternizou os nacionais e que, igualando pretos e brancos, prenunciou a uma nova era – a do recorte do solo livre pelo braço livre, lavrando-o e fertilizando-o para tornar o país grande entre os que são os maiores no concerto das nações...

Pacotilha

13 de maio de 1905

[Astolfo Marques, *O 13 de maio e outras estórias do pós-abolição*, Editora Fósforo, 2021, p. 63-67]



Em 1893, quando se dava na baía da nossa cidade a revolta Saldanha-Custódio, meu pai exercia um pequeno emprego de almoxarife das Colônias de Alienados, na ilha do Governador. Um belo dia, os revoltosos, capitaneados por um oficial de Marinha, de cuja patente no tempo não me lembro, o Senhor Eliézer Tavares, que morreu almirante, tendo por segundo um cirurgião-dentista, o Senhor Nogueira da Gama, lá desembarcaram, mataram bois, carregaram gêneros, medicamentos e roupas e se foram em paz. Assisti tudo.

Na manhã seguinte, de falua, com alguns móveis e outros pertences domésticos, transportávamos nós, isto é, a minha gente, para a ponta do Caju, tomando caminho pelos canais pouco profundos que ficam entre os mangues e praias de Inhaúna e as ilhas do Fundão (aí o canal é fundo), Caqueirada, Bom Jesus e outras, cujos nomes me escapam. Emigrávamos.

Ficou estabelecido, entre as altas autoridades, que meu pai ficasse no Engenho da Pedra, litoral da Penha, com o depósito de gêneros necessários ao alimento de duzentos doentes que estavam na ilha, e ali fosse morar, para guardá-los e enviá-los em rações diárias para os dementados em abandono.

Assim fez ele.

Todas as manhãs, eu e meu pai saíamos, ele, a fim de providenciar para o envio diário de gêneros, e eu, menino de doze anos, para acompanhá-lo até onde Deus fosse servido mandar-nos.

Embarcávamos os gêneros no lugar denominado Engenho da Pedra, fronteiro a uma das colônias, Conde de Mesquita, tendo de permeio, no canal, a ilha do Fundão, coberta de grandes e frondosas árvores. Aquelas manhãs primaveris eram lindas e plácidas. Tudo muito azul; as árvores muito verdes e roçagantes; as águas do mar, espessas de azul da prússia; os longes dos Órgãos solenes, soberbos e altos; tristonho, o ilhéu do Cambambe, com as ruínas de um sobrado que parecia ter sido incendiado, à vista dos vestígios de fumaça nas paredes, nuas e eretas; risonha, a ilha do Raimundo, com o seu bananal verde-claro a mirar as águas mansas do mar pela manhã; e a de Saravatá, lá longe, com o seu paiol abandonado — todo este quadro imarcescível me ficou gravado na memória até hoje, indelevelmente, como se fosse impresso à máquina.

Nós morávamos numa casinha de telha-vã, muito poeticamente situada a meia encosta de uma colina, cavalgando a estrada que levava ao porto de embarque. Na frente, a vista era curta, pois do outro lado da via pública, no alto de um monte que se erguia rapidamente, havia ruínas de uma capela, barrando, morrote e ruínas, o horizonte fronteiro da nossa casinha. Aos lados, porém, a vista era vadia e larga, apesar de, à esquerda, existir construções meio acabadas de uma fábrica de vidros que não chegou a funcionar.

Todas as manhãs íamos, eu e meu pai, até o “porto”, ver o embarque de gêneros para a ilha. Havia aí um destacamento de polícia, comandado por um alferes ou tenente. Lembro-me ainda de alguns fatos que lá assisti. Uma manhã, quando estávamos à beira da praia, conversando meu pai com o comandante do destacamento, apareceu entre as Freixeiras, ilha do Governador e a ilha de Saravatá, uma lancha revoltosa.

Logo se viu que ela disparava o seu canhão-revólver contra nós. Abrigamo-nos; os soldados apanharam as carabinas e entrincheiraram-se no casebre que lhes servia de quartel. Fosse porque fosse, após dois ou três disparos, a pequena embarcação armada voltou para donde viera, e o sossego tornou de novo ao local em que estávamos.

No eirado, assim que o perigo cessou, o comandante disse para o meu pai:

– Olha, Barreto: se “eles” desembarcassem, eu fazia assim... E mostrou como viraria a blusa pelo avesso.

Esse caso, porém, não é o que nos interessa agora. É outro. Uma dessas manhãs, antes ou depois do aparecimento da lancha na ilha de Saravatá – não me lembro bem – um soldado ou cabo chamou meu pai de parte e pôs-se a conversar com ele.

Fiquei afastado, olhando o mar encrespado pelo terral, as gaiotas e as belas mangueiras do Galeão, lá no outro lado, que tinham visto Dom João VI e recebido, por várias vezes, a sagrada visita do raio, na sua secular existência.

Acabada a conversa, veio meu pai para mim. Nada me disse logo; mais tarde, porém, confidenciou-me:

– Você sabe o que aquele soldado queria/?

– Não, papai.

– Queria que eu lhe dissesse por que esses dois homens estão brigando.

Esses dois homens eram Floriano e Custódio.

Esse pequeno fato, que podia passar completamente despercebido, feriu-me imensamente naquela fraca idade que eu tinha então. Nunca podia imaginar que um homem arriscasse sua vida sem saber por que, nem para quê. Pareceu-me isto estúpido e indigno mesmo da condição de homem. Um ato desses, de jogar a própria existência, devia ser perfeitamente refletido e consciente. Ficou-me o fato; e, anos depois, muitos anos mesmo, quando fui ler o formidável Guerra e paz, de Tolstoi, encontrei uma cena, não idêntica, mas do mesmo fundo. Não me recordo bem como é; mas dela se depreende que o soldado nada sabe dos motivos por que combate.

E assim é feita a guerra.

As massas de combatentes, homens simples e sem luzes, em geral, não sabem nitidamente por que dão tiros uns contra os outros.

Às vezes, os seus chefes e diretores conseguem instilar no espírito deles vagos motivos patrióticos; mas, na última guerra, tal coisa não pode ser concebida como movendo árabes, gurcos, senegaleses, curdos etc., a se matarem e a matar.

Esta última guerra foi uma mistificação de parte a parte. Vimos, agora, depois que veio à tona o “negócio dos navios”, como e por que nós entramos na guerra; como estávamos ameaçados de morrer aos milhares no norte da França, unicamente para que alguns especuladores ganhassem, em suma, um, dois ou mais milheiros de contos. Eis aí a guerra, na sua essência.

O que, porém, faz ressaltar, de um modo cortante, o feitio de inconsciência com que a massa dos combatentes é

levada para os campos de batalha, é este trecho das burocráticas memórias do teimoso Ludendorff, que o Correio da Manhã publicou, em 18 do corrente.

Ei-lo:

Atravessando as montanhas, eu abordei uma sentinela. Respondeu-me, em não sei que língua estranha, umas coisas que não compreendi. Os oficiais austro-húngaros que me acompanhavam também não compreenderam.

É eloquente o patriotismo desse pobre-diabo de sentinela, que não compreende os seus oficiais e os seus oficiais não o compreendem! Perdido entre as montanhas, sofrendo frio e outras privações, com risco de morte, ele tudo isto sofre, a tudo se arrisca, certamente sem saber por que, e nem ao menos entende a língua dos seus chefes!

É incrível!

As causas da luta lhe devem ser perfeitamente estranhas, pois nem no mínimo pode compreender as exortações dos interessados nela; ele não tem nenhum interesse próximo ou remoto na contenda; mas ele vai morrer!...

É estranho, meu Deus! Não parece ser um homem; parece um boi de canga...

[Lima Barreto. **Revista ABC** | 1920. A Revista ABC circulou no Rio de Janeiro de 1915 até meados de 1934.]



No ano seguinte, já no primeiro dia de aula, levava na bolsa um poema de quatro versos que dizia assim:

*Foi boa para os escravos,
E parecia um mel,
Acho que é irmã de Deus,
Viva a princesa Isabel.*

De imediato, não tive coragem de mostrá-lo à professora.

Cada vez que tentava, ficava gelada e o coração já ia correndo bater na garganta.

Mas no segundo dia de aula, numa hora em que ela disse que a minha letra era bonita, arranquei da bolsa o poema e lhe entreguei.

Ela foi até a mesa e sentou-se com o meu papelzinho na mão. Leu e releu. Pegou a caneta, riscou qualquer coisa por sobre os meus versos e mandou o Pedro chamar o diretor.

Imediatamente me deu vontade de urinar e vomitar. Será que havia feito alguma coisa errada? E se houvesse feito, iria para os grãos de milho nos joelhos?

Chegou o diretor seguido do Pedro.

Dona Cacilda deu-lhe o papel. O diretor leu. Ficaram algum tempo conversando baixinho e apontando alguma coisa que eu havia escrito.

Depois ele saiu e a professora devolveu-me o poema e continuou a aula calmamente sem um gesto que me

explicasse o bom ou ruim dos meus versos. Mas a qualquer barulhinho, ficava eu toda trêmula, ávida por um sinal, uma explicação por mais banal que fosse.

Assim fiquei até o final da aula, mas quando a minha fila saía e passava pela porta da diretoria, o diretor saiu, procurou-me com os olhos e disse:

– Parabéns!

– Não foi nada. Obrigada.

Fui para casa feliz. Sabiás empoleirados na cabeça da alma.

* * *

Devia ser dia 10 ou 11 do mês de maio.

A dona Cacilda, logo após o recreio, disse-nos:

– No dia 13 agora, vamos fazer uma festinha pra Princesa Isabel, que libertou os escravos. Quem quer recitar?

Várias crianças gritaram:

– Eu! Eu! Eu!

Pluft, pluft!... Meu coração lá foi de novo pulsar na garganta. Era a hora e a vez de expor meu poema. Não podia perder a chance. Mas como conseguir coragem? E se errasse?

– Assim não dá – gritou a professora. – Levantem a mão.

Levantei a minha, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas.

– Você... Você... Você...

Não fui escolhida. Tanto não é possível, explicou-nos ela. Mas eu não podia perder a oportunidade. Corri atrás dela, sôfrega:

– Dona Cacilda, eu tenho aquela que eu fiz outro dia, que eu mostrei pra senhora e a senhora chamou o diretor e ele falou parabéns e eu deixo ela mais grande...

Falei tudo sem respirar. Sem piscar. Medo de não convencer, de apertar os olhos e as lágrimas escaparem do controle da emoção. Saturei.

– Está bem. Amanhã você traz a poesia e a gente ensaia.

Acariciou meu rosto e riu chochamente.

Sua mão parecia pena de galinha e seus lábios no riso tinham muito a ver com as casquinhas de tomate caipira que minha mãe colocava no tempero do arroz.

Fui para casa meio angustiada. Já estava quase arrependida de haver insistido. O aumentar e decorar o poema não era nada. Difícil era não tremer, não chorar, não esquecer na hora.

Pensei em não ir às aulas por uns dias, inventar uma dor de barriga... Mas não podia falhar com a Princesa Isabel. Ela merecia. Se não fosse ela...

Que pecado seria maior: mentir que estava doente ou não homenagear a Santa Princesa Isabel?

Optei por ir e não ficar em pecado.

Antes tremer, chorar, do que ser castigada por Deus. Por Deus ou por Santa Isabel?

Pelos dois, claro.

Ela teria que pedir o consentimento Dele para me punir, já que Ele é o Pai, o Chefe, dono de todas as decisões.

Haveria na certa uma reunião no céu entre santos e santas, anjos e anjas... Não. Anjos e anjas não. Crianças não opinam, não decidem nada. Nem votam. Ah! Mas se eles pudessem...

Se pudessem, seria fácil. Eu mesma conhecia vários anjinhos: A Tilica 1, que morreu de lombriga aguada; a Luzia 2, que morreu de bucho virado; o Jorge 3, que morreu de cair no poço...

É. E tinha mais ainda e, por sorte, todos da minha cor. Seriam votos a meu favor, certamente. Fora a Ana, que era branca, o João Cláudio... acho que até eles...

Mas não adiantava ficar pensando. Criança só ouve, quando pode. O fato é que, no céu, todo mundo ficaria sabendo. Uma vergonha imensa invadiu-me toda, como o dia em que fui pega tentando descobrir a passagem do ovo do galo para a barriga da galinha. Credo-em-cruz!

Não havia mesmo outro jeito. O negócio era assumir logo de uma vez, tentar fazer tudo bonito e direito.

Comi rapidamente no almoço. Engoli quase inteiros os alimentos. Engasguei com as espinhas de mandiúva. Pus-

me a escrever afoitadamente. Aumentei. Criei quatro novos versos:

*Os homens era teimosos
E o donos deles era bravo,
Por isso a linda Isabel
Soltou tudo os escravo.*

Reli os versos antigos, e achei que deveriam ficar por último, para encerrar a declamação com o Viva a Princesa Isabel.

Ao meu poema dei um título: Santa Isabel. Assim ficou:

Santa Isabel
*Os homes era teimosos,
E os donos deles era bravo,
Por isso a linda Isabel
Soltou tudo os escravo.
Foi boa que nem um doce,
E parecia um mel,
Acho que é irmã de Deus,
Viva a Princesa Isabel.*

Dentro de meia hora, havia decorado tudo.

Daí comecei a declamar pausadamente. Às vezes, começava do fim e voltava para o começo. Tudo certinho: nem um pulo nas frases, nem um gaguejar, nada.

No dia seguinte, coloquei meus escritos sobre a mesa para a apreciação da professora. Ela os pegou, leu, fez as correções ortográficas, como, por exemplo, colocando ns no final da palavra homens, concordou os adjetivos, etc.

E me devolveu:

– Decora, que amanhã você recita, certo?

Não contei que tudo estava na ponta da língua.

A festa seria depois do recreio, na manhã seguinte.

Já no momento em que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data:

– Hoje, comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar e, pelos serviços prestados, nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados, às vezes, até a morte. Quando...

E foi ela discursando, por uns quinze minutos.

Vi que a narrativa da professora, não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles escravos da Vó Rosária eram bons, simples, humanos, religiosos.

Esses apresentados então eram bobos, covardes, imbecis. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.

Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa dali representando uma raça digna de compaixão, desprezo.

Quis sumir, evaporar, não pude.

Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso, estiquei o dedo indicador e no ar escrevi: lazarento. Era pouco. Acrescentei: morfético. Acentuei o e do f e voltei para a classe.

No recreio, a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-se para trocar o meu lanche de abobrinha abafada pelo dela, de presunto e mussarela.

Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto.

Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida?

Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?

* * *

Na hora da festa, estava um trapo.

No entanto, não me preocupavam mais os erros ou acertos, sucessos ou insucessos. Era a vergonha que me abatia. Pensava que era a grande da classe, só por ser a única a fazer versos. Quantas vezes deviam ter rido de mim, depois das minhas tontices em inventar cantigas de roda... Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães. Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dons Pedros da história. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e a seu país. Os idiotas dos negros, nada.

Por isso que o meu pai tinha medo do seu Godoy, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flávio. Negro era tudo bosta mesmo. Até meu pai, minha mãe.

Por isso é que eu tinha medo. O filho puxa o pai, que puxa o

avô, que puxou o pai dele, que puxou. ... eu, conseqüentemente, ali, idiota, fazendo parte da linha.

Caí em mim com a professora falando:

– Esqueceu? Não faz mal. Na outra festa, você recita. Logo chega o dia de Anchieta, do Soldado... Vamos sentar. Não tem importância.

Levou-me com cuidado e me fez sentar numa cadeira ao lado dos outros professores, na frente. Eu sentia muito sono e sede. Estranhei o fato do meu coração estar quieto, sem saltar para a garganta.

Apalpei o pescoço de todas as maneiras. Já ia verificar se estava no peito, mas desisti. Será que ele morreu?

“Pro inferno. Se quiser morrer, que morra”, pensei, olhando a sujeira do nariz que saiu preguiçosa e caiu sobre as pregas estreitas da sainha azul novinha, novinha.

Naquele dia ninguém correu na volta para casa. Iam todos a minha volta, preocupados porque eu não conseguia andar depressa. Sentia-me sem peso e quando mudava o passo, achava que o chão à frente estava em desnível, longe, mole.

Quando cheguei em casa minha mãe falou:

– Seu almoço está em cima do fogão. Depois você leva o prato lá na vasca, que eu já estou indo lavar os trens.

Desvencilhei-me do material escolar e peguei o prato de comida.

Já ia saindo para jogar tudo para as galinhas do terreiro,

quando pensei que, se eu levasse o prato logo, minha mãe ia desconfiar, porque não se almoça em tão pouco tempo. Resolvi aguardar. Destampeei a vasilha e comecei a remexer a comida. Separei os grãos de feijão preto com o cabo da colher, joguei-os no meio das labaredas que mantinham aceso o fogo do fogão. Depois atirei a comida no quintal e fui levar o prato como minha mãe havia recomendado.

Até então, as mulheres da zona rural não conheciam “as mil e uma utilidades do bombril” e, para fazerem brilhar os alumínio, elas trituravam tijolos e com o pó faziam a limpeza dos utensílios.

A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo.

Assim que ela terminou a arrumação, voltou para casa. Eu juntei o pó restante e, com ele, esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei, e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele.

Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente, e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d’água.

Quando cheguei em casa, minha mãe, ao me ver toda esfolada, deixou os afazeres, foi para o fundo do quintal, apanhou um punhado de rubi e com a erva preparou um unguento para as minhas feridas.

Enquanto umedecia um paninho no preparado e colocava na minha perna, dizia:

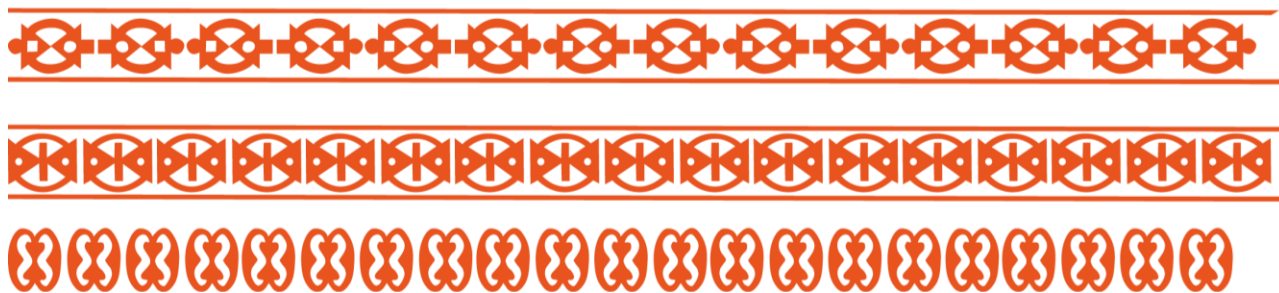
– Deus me livre! Eu canso de falar: não sobe nos muros,

não brinca de correr e que nada. Entra por um ouvido e sai para o outro. Parece moleque. Mentira: nem moleque faz isto. Vê se o Zezinho...

Eu ouvia sua voz distante, brava-doce. Bálsamo.

Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando.

[Geni Guimarães. Metamorfose. In: *Leite do Peito*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 3º edição, p. 55-66]



Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita,

querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umaz viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras,

nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me

contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

[Conceição Evaristo. *Olhos d'água*, p. 15-19]



Todo dezembro vinte e quatro minha avó pegava um peru lá de casa para o ritual da morte. eu de vestidinho azul de bolinhas, perninhas abertas apoiando o queixo nas mãos e os cotovelos nos joelhos, sentadinha na grossa raiz do abacateiro. Meus olhos assistiam aquele pitoresco sacrifício do bicho sob a fina película da infância. Ela corria atrás dele naquele quintal, que eu achava enorme por eu ser pequena, e com a autoridade de carrasco falava-lhe palavras de ofensa diante da tentativa de defesa dele. Eu tinha pena mas não podia demonstrar. Não era bom para o ritual e ele custava a morrer se a plateia se apiedasse.

Vovó agarrava-o por trás pelo pescoço e o punha entre suas pernas para que estas mobilizassem as asas. Com a mão direita segurava apertando o pescoço forçando-o a abrir o bico e, com a outra, jorrava goela adentro peru afora um copo de boa aguardente de cana. Geralmente usava cachaças especiais curtidas em ervas, carvalhos e raízes. Soltava-o: o peru rodopiava tonto, embriagado e “feliz” pelo quintal, enquanto meus olhinhos riam disso. Não andava reto, cantava desafinado o seu sucesso eterno glugluglu. Eu assobiava que era para ele responder com o canto. Achava que vovó fazia isso para que ele não sofresse muito: bêbado fica meio anestesiado. Eu pensava que era pura bondade dela. Mas, vendo agora a lembrança do olhar dos galos, galinha, patos e cachorros, penso que, de todos os animais, só eu custei a saber a verdade. Algumas aves até choravam no seu cacarejar, afinal o pobre e elegante condenado era conhecido de todos ali. Ouço o canto doído dele, o canto de minha vó amolando a lâmina na escada da cozinha, o assobio do vento no meu amarelo cabelo sarará. ouço o som de tudo lixando o céu.

Depois minha avó, com mais facilidade, capturava-o pra o fim. Dessa vez, com o peru de novo entre as fortes e longas pernas, trazia uma afiada faca na mão direita. Virava o pescoço da vítima pra trás, e eu, com todos os dedos na boca, nervosa. “Não sinta pena, menina, vá lá pra dentro!”. metade de mim obedecia à ordem, enquanto a outra metade escondia o corpinho magro atrás do fiel abacateiro e com um só olho continuava a ver a parte pior de se ver: o corte fatal fino e fundo no pescoço do bicho e o sangue esguichando longe pra desembocar na tigela que ela, prevenida, usava para recolher a vida que seria depois o molho, eu acho. todo ano, meu coraçãozinho batia forte e descompassado nessa hora. Pensava: ainda bem que estava bêbado, morreu feliz, sem sentir.

Mais tarde, muitos anos depois, já mulher, fui saber que a cachaça de véspera era pra amaciar a carne dele; nada tinha a ver com emoção, com anestesia, com qualquer coisa do ponto de vista da dor do peru e sim tratava-se de uma medida de ordem absolutamente culinária, uma providência tomada em vida para um destino de forno.

Aquele cheiro maravilhoso “dele” recheado com farofa e ameixas, o cheiro da pele da boneca nova no meu sapatinho na sala sob a árvore piscando, o som dos papéis de presentes desembulhando que eu e meus irmãos fazíamos...era Natal!

Mesmo contendo sacrifício, isso mora na minha emoção como felicidade. Penso no futuro me empurrando pra frente. Que avó serei eu, meu Deus, no cinema do meu netinho e o que será pra ele a felicidade?

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-deflandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que

raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", - ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, - em família, Candinho, - é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele

disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armazém. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido

verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi-- para lembrar o primeiro ofício do namorado, -- tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

- Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

- Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

- Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

- Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeriu-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

- Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

- Vocês verão a triste vida, suspirava ela. --Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

- Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

- Certa como?

- Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

- A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e

isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

- Bem sei, mas somos três.

- Seremos quatro.

- Não é a mesma cousa.

- Que quer então que eu faça, além do que faço?

- Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

- Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força

era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de coisas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencía sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelo aluguéis

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

- É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas

conseqüências. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

- Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

- Titia não fala por mal, Candinho.

- Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de

aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor,-- crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

- Quem é? perguntou o marido.

- Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

- Não é preciso...

- Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o

que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

- Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica

insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se

mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

- Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

- Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

- Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

- Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

- Siga! repetiu Cândido Neves.

- Me solte!

- Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites,--cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

- Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não

costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que deveria. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

- Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

- É ela mesma.

- Meu senhor!

- Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinqüenta milréis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as conseqüências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o

filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enfeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração

[Machado de Assis. *Relíquias da Casa Velha*, In: *Obra completa*, 1992, vol. II, p. 659-667]



Primeiro era chão batido e ele não sabia como era feito. Sua lembrança da casa em obras começava do vermelhão, uma massa de vermelho intenso, à base de anilina, aplicada ao chão da cozinha. Crosta fina de cimento, areia, água e cor. O pai executava o serviço, a manutenção que cabia às crianças era feita com cera vermelha. Mãos e joelhos só não ficavam igualmente coloridos, porque eram pretos. Adquiriam uma cor cinzenta, como couro velho, curtido e sujo. Mas as unhas envermelhavam, as cutículas roseavam, e que trabalhão para limpar. Logo sábado, dia de baile. As irmãs odiavam a massa colorida e ao pai, por extensão.

Nesse mesmo estágio da obra, que se estenderia por toda a vida, aplicava-se o amarelão em dois outros cômodos, a sala e o quarto. De novo, cimento, areia, água e cor, dessa vez amarela. Dois apenas, ainda bem. Única vantagem da casa pequena. O mesmo ritual da pasta vermelha repetia-se com a pasta amarela na construção do piso. A manutenção novamente cabia às crianças, feita com a cera amarela, pior para limpar dos dedos, pois impregnava a pele e os cantos das unhas. Não raro, as irmãs, sem tempo hábil para cuidar delas, deparavam com um cantinho de cera à noite, em horas impróprias.

Houve um dia que elas estavam de risinhos na privada e ele colou o ouvido na porta para também participar do segredo. A alegria terminou quando o acontecido chegou à parte da cera, nessa hora a irmã narradora embraveceu. Parece que o namorado foi fazer alguma coisa, que ele não entendeu muito bem, com o dedo dela e, enquanto fazia, reclamou de um gosto esquisito. Era a cera amarela.

Danada, escapou da faxina feita nas mãos. A irmã virou uma arara.

Quando a situação familiar melhorou, trocaram o vermelhão da cozinha por uma cerâmica vermelha, espécie de taco mais largo, talvez menos comprido, só que não era de madeira, era a diferença. Ele nunca entendeu porque o chão da cozinha da própria casa e das outras casas da vila era vermelho. Parecia regra a cumprir, ou moda a seguir, dava no mesmo.

No último estágio trocaram a cerâmica por azulejos de estampas horrorosas, as mais baratinhas, mas não havia dúvida de que aquele era o melhor material para limpar. Água, sabão e esfregação resolviam.

Na sala e no quarto o pai assentou tacos de madeira, substituindo o amarelão. A atividade lhe dava especial prazer. Contava orgulhoso que aos nove anos, quando primeiro assinaram sua carteira de trabalho, fora como assentador de tacos, na firma do Seu Pacífico. Por aí o filho constatava a modernidade de certos conceitos, trabalho infantil, por exemplo, na época do pai não existia. No começo ele se lembrava quanto o pai ganhava por semana, mas com o passar dos anos e a mudança frequente do nome da moeda, passou a se confundir, depois esqueceu. E agora o pai nem está mais vivo para ele perguntar.

Assentados os tacos, iniciava-se outra tarefa inglória para as crianças: passar palha de aço no chão para amansá-los. Passar é eufemismo, a situação exigia esfrega com todas as forças dos músculos e atenção dos olhos para raspar uniformemente. O pai ensinou como devia ser realizado o trabalho, dos cantos para o meio, assim o

malfeito pela preguiça não teria vez. Não entenderam? A lógica era de que no começo, mais descansadas, as crianças deveriam se dedicar à parte mais escondida, as laterais, ocupadas pelos móveis. A mais visível, o centro dos cômodos, ficaria para o final, porque, mesmo picadas pela mosca da preguiça, a visibilidade do espaço as obrigaria a fazer o serviço bem-feito.

Mas surge algo inusitado e as irmãs e ele até sentem saudade do amarelão. É que o amansamento dos tacos com a palha de aço produzia uma poeira infernal, um poeirão como a batizaram. Aquilo os fazia tossir, produzia coriza e engrossava as mãos. Dinheiro pra creme hidratante não se via naquela casa e mesmo pra passar óleo de cozinha ou banha de porco nas mãos era escondido da mãe. Podia desinterar no final do mês.

Mas o pior ainda estava por vir, eram os efeitos do poeirão no cabelo das irmãs, alisado por chapinha. Chapinha é coisa de hoje, a memória é reavivada pela imagem macabra do ferro quente. A mãe passava no cabelo delas uma coisa chamada "unto", mistura de tutano de boi com banha de porco, malcheiroso que só. Separava as mechas e untava com aquilo. Esquentava o pente de ferro no bocal do fogão, pegava pelo cabo de madeira e depois alisava as mechas untadas. Aquilo fazia chiiiiiiii, como pastel frito na gordura quente. Às vezes ao chiiii: se sobrepunha um grito, queimadura acidental, mau humor subsequente, pois, dependendo da gravidade da marca deixada pelo ferro de alisar, havia cancelamento automático do baile daquele sábado. Cabelo alisado por ferro quente não pode ser lavado, você sabe, e a mistura do unto e do poeirão na cabeça das meninas, além do petetê que fazia, era bomba de ressentimento e humilhação carregada no corpo.

Do chão para as paredes, mais uma etapa da construção. O reboco cascudo feito pelo pai denotava falta de tempo para passar a desempenadeira. As paredes nunca eram lisinhas como nas casas mais aquinhoadas. Mas no ato de pintá-las, as crianças eram premiadas, podiam escolher a cor do quarto no vastíssimo leque de três opções: verde-pálido, azul-esquisito e rosa. Tudo bem clarinho, porque uma caixinha de pó era diluída em um tanque de água e se passava uma única mão de tinta na parede. Contudo, era divertido, podiam apenas admirar um adulto trabalhando, sem qualquer obrigação infantil.

Das paredes para a laje, um salto nas alturas e na qualidade da participação das crianças. Dia de bater laje era dia de festa. Começava no dia anterior, quando a mãe ia ao supermercado comprar as carnes para a feijoada e deixava tudo imerso em tempero, pra pegar gosto. Catávamos quilos e quilos de feijão e arroz, descascávamos alho, picávamos cebola, cebolinha e salsa dentro das bacias feitas de lata de goiabada. Mentira, as irmãs é que faziam esse trabalho, tarefa de mulher pequena. Nós, os meninos, só rondávamos o trabalho delas.

A gente nem conhecia a palavra reciclagem, mas era isso o que o pai fazia. Ele desmanchava a costura das latinhas de goiabada – não era cascão, era marca inferior, rala e cheia de açúcar, cascão só no natal, abria elas em cima de uma pedra de mármore, batia, batia, com martelo e machucador de alho, transformava numa placa lisa, depois emendava com solda e estava pronta mais uma bacia para usar na cozinha. Secava ao sol e depois ficava um dia de molho na água com vinagre, para tirar o gosto de solda.

No dia anterior ao enchimento da laje, o pai providenciava

a cerveja e uns refrigerantes no supermercado, tudo marca de fundo de quintal, para fazer economia. No raciocínio dele a criançada queria mesmo era o bigode de espuma do refrigerante e o tchiiii do gás. Estava certo no diagnóstico, mas errado na receita, porque os refrigerantes baratinhos praticamente não tinham gás, nem faziam espuma. Por fim, ele buscava cachaça encomendada no seu Zé Ataulfo, representante extraoficial de um "grande alambique", que ninguém nunca soube o nome. A localização da fábrica todo mundo sabia, a cachaça vinha do alambique da chácara do genro dele, a poucos quilômetros dali. Mas não tinha reclamação porque o produto era barato e ainda não tinha mandado ninguém para o hospital.

O pai levava aquelas compras no carrinho do supermercado, todo orgulhoso e eu, menino, fascinado pelo pai provedor, acompanhava as compras e o transporte. Depois de despejá-las em casa para a mãe ajeitar na geladeira e do pai dizer bem alto o preço de cada coisa, eu devolvia o carrinho vazio.

O dia de bater a laje, propriamente, começava de madrugada. A homarada ia chegando, alguns acompanhados das esposas, talvez uma ou outra noiva, namorada, doida para mostrar serviço e ser acolhida no clã. A filharada também vinha e os pequenos podiam brincar. Aos adolescentes, garotos e garotas, eram destinadas algumas tarefas, atribuídas a cada sexo. Basicamente, mulheres de todas as idades na cozinha e homens e homenzinhos nas várias tarefas de preparação da laje: carregar areia, brita, cimento e água para a massa; prepará-la; encher as vasilhas, carrinhos de mão, latas de vinte litros ou latinhas de cinco, de acordo com o vigor físico ou a necessidade de exibicionismo do cabra.

Transportá-los em andaimes de madeira inseguros, mas ninguém caía. Transportar também as vigas de ferro, cimento, os tijolos, tudo aos gritos, que o grito era demonstração exigida de força e macheza. E dá-lhe piadinha com a virilidade alheia, questionada nas mínimas atitudes do sujeito: na careta para erguer peso, nos queixumes sobre a dureza do trabalho, nas paradas para descansar fora dos momentos coletivos de descanso, até no deslocamento da área de serviço dos homens até a cozinha, terreno sagrado do mulherio, ou nas reiteradas escapadelas ao sanitário. Em qualquer dessas situações, o ser do sexo masculino era logo colocado no rol dos de "sexo duvidoso".

Homem que era macho tinha de rir das piadas machistas, contar vantagens de conquistador, com um certo cuidado para localizar as puladelas de cerca atuais no passado, na vida de solteiro, de garanhão bem-sucedido, afinal, da cozinha, as patroas a tudo prestavam atenção. E se descuido houvesse nas narrativas de Indiana Jones do amor, podiam receber uma descompostura na frente dos amigos – humilhação terrível – e, no caso das patroas mais drásticas, podia haver greve de sexo em casa, castigo desesperador.

Bater laje era mesmo um ritual de iniciação masculina, ali as mulheres eram coadjuvantes, mas se vingavam no território da cozinha, onde também falavam de sexo. Diferentemente dos homens que contam vantagem sobre as mulheres da rua e santificam a patroa, a mulherada conta vantagens sobre seus homens. Falavam de metragens, práticas e técnicas, presentes na relação com o marido, sempre com o cuidado de colocar as virgens ou pretensamente virgens pra correr, porque aquilo era assunto de mulher casada.

A mulheradinha se fingia de besta, mas observava certos silêncios. Sabe lá se quando solteiro, o marido daquela prima não teria dado umas voltinhas com a irmã daquele cunhado e agora todo mundo junto naquela cozinha, não estaria falando de assuntos bem familiares. Oxalá fosse mesmo na vida de solteiro, mas que tinha coisa que cheirava a angu fresquinho (com caroço), isso tinha.

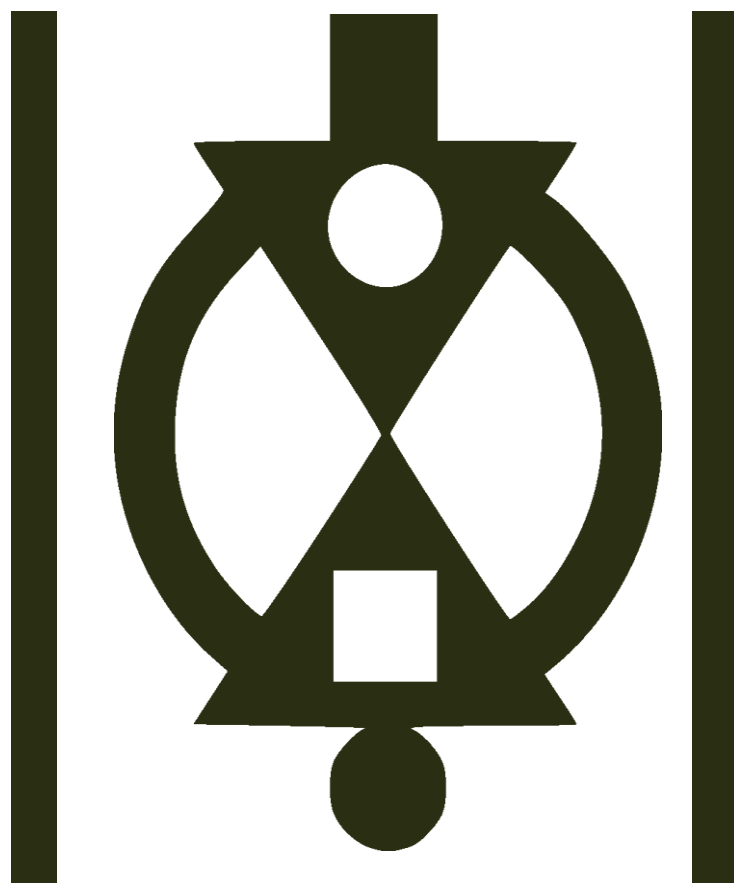
Tudo muito divertido e de grande aprendizado. Bater laje era uma escola, na qual se aprendia de tudo. A laje bem batida, depois do alicerce bem-feito, era condição essencial para os andares futuros que subiriam aos céus. Crescimento vertical da propriedade privada, multiplicação de tijolos e tetos do patrimônio familiar. O pai dizia que até João-de-Barro faz casa de dois andares, é passarinho humilde e com ele a gente deve aprender.

[Cidinha da Silva, *Negrafias: literatura e identidade*, Organização de Marciano Ventura. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2008. p.32-36. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva> - acesso em 25/10/2022]





CRÔNICAS



MARIA DO ROSÁRIO IMACULADA DOS SANTOS

De Imaculada nada tenho – começou assim a conversa de Maria do Rosário comigo –, mas não me sinto a primeira e nem a última das pecadoras, mesmo porque eu não acredito em pecados – continuou. Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado de minha família. Mãe, tias, madrinha e também a minha avó, todas elas, não se contentaram só com o “Maria”. E me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por “Santos” generalizados e não identificáveis. Segundo uma das minhas primas, que recentemente reencontrei, a Terezinha de Jesus dos Santos, filha da minha tia, Rita de Cássia, o meu nome original seria “Maria do Rosário Imaculada das Graças Conceição dos Santos”. O padre, menos fiel à fé mariana, foi quem achou exagerado o sentido fervoroso de meu nome e não permitiu. Tenho fé em minha protetora, a “Maria”, mulher de fibra, que suportou ser a mãe do Salvador. A ela dou o meu voto, o de crença, não o de castidade... E a outros santos e santas também...

Maria do Rosário Imaculada tinha a fala tão fácil, que até duvidei que ela tivesse alguma história para contar, ou melhor, cheguei a pensar que o seu relato não traria novidade alguma. A porta da casa dela sempre aberta era um sinal visível da receptividade da dona para qualquer pessoa que por ali passasse. Mas resolvi arriscar. O sorriso dela foi tão encantador e respondeu ao meu boa tarde de uma maneira tão efusiva, que, para quem busca histórias, aquela atitude afiançava o desejo dela de conversar comigo. E quando, embora brincando, revelou o seu descontentamento com o próprio nome, me lembrei da

mulher que havia criado um nome para si própria. Tive vontade de contar a história de Natalina Soledad, mas, naquele momento, o meu prazer era o da escuta. Insistindo sempre que de imaculada nada tinha, Maria do Rosário, ainda fazendo troça, pediu licença à outra, a santa, e começou a narração de um pouco de sua vida. Eis:

– Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo, mas tenho na memória a nitidez da cena. Minha mãe, eu e mais dois irmãos, um pouco maiores estávamos sentados do lado de fora da casa em que morávamos. Era uma construção pequena, mas abrigava muitos. Meus avós paternos, duas tias solteiras, um tio solteiro, dois meninos filhos desse tio solteiro, que meus avós ajudavam a criar, meus pais, eu e mais dois irmãos. Mais adiante, no mesmo terreiro, em outras casas também pequenas, moravam mais tios e tias, primos e primas crianças, uma bisavó materna e mais algumas pessoas, que eu nunca soube precisar o grau de parentesco sanguíneo entre nós. Todos respondiam pelo sobrenome “dos Santos” ou “dos Reis”, o que provocava sempre o seguinte comentário jocoso: quem não era do santo, era do rei... Do lado de fora da casa, nós estávamos a olhar o tempo vadio, sem nada para fazer, a não ser conversar os assuntos costumeiros, quando apontou lá na estrada um jipe. Levantamos rápido e juntos. Era tão raro passar por ali algum automóvel. As outras casas começaram a se movimentar também e, em poucos minutos, a nossa população familiar estava toda eufórica, assistindo ao gratuito espetáculo. Um jipe e um casal estrangeiro (depois, com o tempo, descobri, eram pessoas do sul do Brasil) em nossas paragens. Pararam em nossa porta, desceram, conversaram conosco e ofereceram aos grandes, caso eles permitissem, um passeio com a criançada. Foi permitido. Os dois iam à frente e a meninada atrás. Deram duas ou três viagens. Na

última, só faltava eu e um dos meus irmãos, o maior, o Toninho. Subimos contentes e o carro, aos poucos, foi ganhando distância, distância, distância... Aflitos e temerosos, pois começava a escurecer, pedimos ao moço e à moça para fazer o caminho de volta. Eles apenas sorriram e continuaram adiante. Depois de muito tempo, noite adentro, eles pararam o jipe, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo, me levando adiante. Nos primeiros dias, eu, na minha inocência, divagava entre o temor e a confiança. Nunca tinha escutado sobre casos de roubo de criança. Em casa, não tínhamos medos de perigos reais e sim de imaginários. Mula sem cabeça, lobisomem, almas do outro mundo... Cobras e bichos os grandes matavam. Inimigos homens não tínhamos, nem ouvíamos os grandes comentarem. Desavenças internas do grupo e externas ao clã familiar, para mim, criança pequena ainda, nunca haviam sido transformadas em crimes. Acho que, nos primeiros dias de estrada, acreditei, como meu irmão, nas primeiras horas do passeio, de que nada de mal estivesse realmente ocorrendo. E foi preciso que passassem muitos dias e muitas noites de viagem nas estradas, para que eu entendesse que a moça e o moço estrangeiros tinham me tomado de meus pais. E, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava.

Durante anos, vivi com o casal que me roubou de minha família, em uma casa grande, que parecia uma fazenda. Nos primeiros tempos, sofri muito, chorava noite e dia. Choro gritado e choro calado. Um dia, resolvi buscar o caminho de volta. Peguei a estrada, ou melhor, uma das

estradas que dava para a casa deles. Caminhei muito até cair extenuada de cansaço e fome. Devo ter desmaiado, pois, quando acordei, estava no quartinho onde eu dormia. Ao meu lado, estava uma cesta com frutas, biscoitos e uma xícara de café com leite. De tempos em tempos, o casal viajava e deixava uma moça, também estrangeira, cuidando de mim. Eles nunca me bateram, mas me tratavam como se eu não existisse. Jamais perguntaram o meu nome, me chamavam de “menina”. Um dia, me deram um cachorro e disseram ser um presente de aniversário. E me informaram, ainda, que era o mês de maio, mês de Maria, época que completava um ano da minha chegada à casa deles. No outro ano, fizeram a mesma observação e me deram uns cadernos e lápis, dizendo que a moça amiga deles ia me ensinar a ler. Gostei da novidade, eu havia começado a freqüentar a escola, na vilazinha em que eu havia nascido, lá no Brasil.

A moça, que me ensinou a ler, me ensinou outras coisas, mas nunca me perguntou nada sobre o tempo antes de eu chegar ali. Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero, eu via a minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades...

Aprendi a ler e, como prêmio, ganhei um rádio, que ficava ligado noite e dia. O rádio me ligava ao mundo externo. Foi

quando descobri que o casal não era estrangeiro, eu estava no Brasil, bem no sul, quase na Argentina, aí sim, outro país. Contudo, eu estava muito longe de minha terra. Nada podia fazer. Continuei, então, a minha vida, que se resumia no meu quarto e nas brincadeiras com Jesuszinho, o meu cachorro, nome que eu escolhi. Pouco trabalho era o meu. Cuidava de varrer a casa quando a moça não ia, limpava o meu quarto, que pouco sujava. O casal sempre mais ausente do que presente. Cresci sozinha. Das coisas de mulheres, o sangue que perdemos, quando me aconteceu pela primeira vez, da moça que me ensinou a leitura também tive a explicação. – Você agora é uma mulher! – Não entendi. Eu achava que eu já era mulher desde sempre. Tudo se confundiu naquela época, junto ao sangue que me escorria. Pensei em minha mãe. Eu ainda sabia, na memória, o jeito do rosto dela. De minha mãe ouvi, várias vezes, ela dizer que tinha uma menina mulher e dois meninos homens. Agora a moça, por conta do sangue que de mim corria, me dizia que eu já era mulher. Também, naqueles mesmos dias, ouvi o casal falar para essa tal moça que eu deveria estar com os meus doze anos e que já fazia sete anos de minha chegada à casa deles. O que o casal não imaginava é que eu também fazia a minha contagem do tempo. Só que os meus termos eram outros. Eu sabia que, ali, eu já tinha feito sete aniversários, longe dos meus. E para mim não se tratava da minha chegada à casa deles e sim da minha impotência diante deles, que haviam me tomado, ou melhor, me roubado de meus pais.

Quando estava completando quase oito anos que eu tinha sido roubada, a moça que trabalhava para esse casal chegou, um dia, me dizendo que tinha uma notícia para mim. A imagem de minha família, ou melhor, o desejo de um encontro com os meus me tomou por inteira. Pensei

que o milagre tivesse acontecido. Tendo, com o passar dos anos, aprendido a controlar as minhas emoções, fiz, contudo, silêncio. Eu sabia que ela só me daria a notícia no final da tarde. E, enquanto esperava, me imaginei viajando naquela mesma noite em busca de minha terra. Uma cidadezinha chamada Flor de Mim. Só uma preocupação me doía, o Jesuszinho. Como eu ia levar o meu cão predileto, que, de tão predileto, era o único que eu tinha. No final da tarde, a notícia me foi dada. Uma bomba estourou sobre mim. O casal havia se separado, cada um ia seguir para uma cidade diferente. Uma tia deles, não sei se da mulher ou do homem, viria me buscar e me levaria com ela. Como viria de jipe, se eu quisesse, poderia levar comigo o meu cachorro. Tonta pelo efeito da bomba, fui deitar. No outro dia, cedinho, com meus poucos pertences mais o Jesuszinho, fui levada por uma senhora loira e desconhecida, pela segunda vez, por um caminho que eu ignorava aonde ia dar. A moça, que com o consentimento do casal me ensinara a ler, da porta me acenou, com gesto abreviado, a metade de uma despedida. Chorei para dentro, mais uma vez. Eu sabia que não estava indo para a minha cidade, Flor de Mim. E estava deixando uma pessoa. Por força de não ter ninguém dos meus por perto, eu tinha me afeiçoado a ela. A moça que trabalhava com o casal e que se chamava Berta Calazans.

Nessa segunda casa, junto à família Souza Pacelli, tive de me adaptar a um estilo totalmente contrário ao que eu tinha vivido nos anos anteriores. De Flor de Mim, lugarejo de vivência de minha primeira infância, fui para uma cidade chamada Alto dos Vales do Sul, levada pelo casal. Ali, a vida tinha um quê interiorano também. De Vales do Sul fui encaminhada para a Cidade de Frei Cardoso. Lá, encontrei um movimento intenso, assustador. Carros, bondes, bicicletas, vozes altas e desmedidas. Jesuszinho

não aguentou, morreu. Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. O rádio, que eu levava, acabou perdendo a função. Recebi ordens para não o ligar, para não gastar luz e não me distrair no trabalho. Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles.

Às vezes, fico pensando qual teria sido a causa maior da demora do meu regresso. Em dado momento de minha vida, ganhei autonomia, podia ir e vir. Acho que a coragem me faltou. Um temor me perseguia. Será que a cidade Flor de Mim ainda existia? Será que os meus ainda existiam? Será que, se eu chegasse por lá, eles ainda me reconheceriam como sendo uma pessoa da família? O tempo passando e Flor de Mim parecendo murchar em meus desejos.

Namorei, casei, descasei algumas vezes. Filhos nunca tive, evitei e, as vezes em que engravidei, não deixei chegar ao término. Não queria ter família, tinha medo de perder os meus. Muitas águas rolaram e, de muitas, nem a misteriosa nascente eu conhecia. Nunca entendi, por exemplo, como recebi, um dia, o meu registro de nascimento. Tudo certo, constavam os nomes de meus pais. O documento chegou a mando da tal tia, parente do casal, que me roubou de minha família. Tive a impressão de que eu era vigiada, pois tudo se deu muito tempo depois de eu ter deixado a casa dessa senhora. E, apesar de me sentir, o tempo todo, me movendo sobre um rio de desconhecidas e perigosas águas, continuei nadando, para continuar vivendo. De vez em quando, eu mudava de

cidade também. A minha escolha por nova moradia obedecia a um roteiro previamente escolhido. Sempre a procura estava direcionada para as bandas de minha terra natal. Aos poucos, eu ia cumprindo um percurso que me encaminhava à direção de volta. Um dia, aconteceu um fato que provocou um retorno a mim mesma, 35 anos depois. Foi então que voltei para minha cidade, Flor de Mim, e aqui estou há 20 anos. Veja, moça, como isso se deu:

Na época em que o reencontro aconteceu, eu andava lamentando as desgraças da vida. A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificada. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio pelo casal que tinha me roubado de casa. Além do constante retorno a essa dor, eu estava vivendo o final do meu segundo casamento. Só um motivo me mantinha viva: os meus estudos. Estava concluindo o 2º grau e me preparando para seguir adiante, apesar do desânimo que me acometia algumas vezes. E foi na ambiência dos estudos que surgiu minha salvação a partir de um ciclo de palestras sobre “Crianças desaparecidas”. Quando soube do evento que ia acontecer, adoeci, perdendo os primeiros dias da jornada. Só no último dia consegui levantar da cama, mesmo assim, tomada por uma sensação de desfalecimento e febre. Uma força maior me comandava, entretanto. A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa. Fui para escutar, eu não sabia nem dizer da minha perda. Nunca tinha relatado minha história para ninguém. Inventava sempre uma história sobre as minhas origens. Uma espécie de vergonha me consumia. Vergonha e culpa por ter me apartado dos meus. Nesse dia, cheguei ao local da palestra, no momento em que algumas pessoas começaram a contar casos de

desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças. Mais angustiada fui ficando com tudo que ouvia. Parecia que estavam contando a minha história, em cada acontecimento da vida de outras pessoas. Eu não estava suportando mais, o ar me faltava, tinha a sensação de que ia morrer. Foi então que resolvi sair da sala, mas, quando levantei, ouvi uma voz que me pareceu familiar. De chofre, reconheci. Era o tom da voz de minha mãe, a síntese de todos os sons de uma curta infância junto aos meus. Ri da minha perturbação. O que estaria a minha mãe fazendo ali no colégio? Mais resoluta fiquei na minha determinação de sair. Precisava ir embora. Eu estava fazendo uma brincadeira de mau gosto comigo mesma? E me pus de pé. Lá na frente, o corpo que imitava a voz de minha mãe acintosamente contava uma história acontecida na família dela. A história de uma irmã que ela nem conhecera, pois tinha sido roubada ainda menina e nunca mais a família soubera qualquer notícia. Não consegui sair e, entretanto, não fiquei. Não me assentei também, apesar dos pedidos. Depois, eu soube que soavam à minha volta. Fui ajuntando os pedaços do relato que eu pude escutar, em meio a uma profunda tontura. Porém, não era o relato de minha irmã que havia nascido depois de minha partida forçada que eu ouvia. Não era a fala dela que me prendia. E sim o jipe. Lá estava o jipe ganhando distância, distância, distância... Lá estava o meu irmão chorando no meio da estrada e eu indo, indo, indo... Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão. Não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre.

Maio é um mês alegre, mas nos primeiros dias recrudesceram as tristes intolerâncias religiosas e um centro espírita de Nova Iguaçu sofreu um ataque de vândalos.

A intolerância religiosa no Brasil é, praticamente, contra o espiritismo pelo medo que causam as reencarnações. O catolicismo também é agredido por causa do culto a imagens de santos e de Nossa Senhora, porém os intolerantes são mais raivosos contra as religiões de origem africana. Neste caso, a intolerância vem embutida de racismo por causa do culto aos ancestrais.

A ancestralidade cultural africana está muito presente na cultura negra brasileira. O candomblé e a umbanda têm mais adeptos do que em muitos países da África. Aqui se desenvolveram como verdadeira religião e influenciaram doutrinas de alguns segmentos do protestantismo que passaram a fazer sessões de descarrego.

A umbanda praticamente se fundiu com o catolicismo e um percentual enorme de católicos também são candomblecistas.

Tem um cunho religioso a maioria das nossas manifestações folclóricas e são praticadas por afro-brasileiros. O samba também tem espiritualidade, porque nasceu nos terreiros onde se pratica os cultos espirituais.

Uns dizem que ele nasceu na Bahia, outros falam que foi no Rio de Janeiro, mas o samba pode ter surgido em qualquer outro Estado, pois em todas as cidades do Brasil os escravos batucavam e entoavam suas zuelas.

As tradições e as crenças vindas do continente negro estão muito presentes na cultura brasileira, inclusive os costumes relativos a nascimento, a vida e a morte, como, por exemplo, os combas e os gurufins.

Combas são reuniões que amigos e parentes fazem nas casas africanas quando há um falecimento. Levam comidas, bebidas, batucam, cantam...Se o falecido é importante os combos são de muitos dias. O intuito é alegrar os enlutados.

Aqui os gurufins tem o mesmo objetivo, mas o ritual caiu em desuso porque os as vigílias são em capelas, não mais em residências.

No Rio de Janeiro quando morre um sambista conceituado que é identificado com sua escola de samba, o velório é na quadra de ensaios e, com a Bandeira da Escola sobre o esquife, primeiro se reza e depois os amigos, ao redor do caixão, lembram de composições do falecido ou músicas que o finado gostava. Começam cantando baixinho, de maneira lamentosa, mas a música vai contagiando e a cantoria fica envolvente.

Quem participa de um velório de personalidade do samba jamais esquece, portanto, uma boa maneira de atuar contra os preconceituosos é se aproximar a eles com doçura e atraí-los para o nosso convívio.

Foi fantástico o velório do Beto Sem Braço, na quadra da Império Serrano, o do Luís Carlos na Vila em Vila Isabel e do Cabana em Nilópolis. Este teve um momento inusitado: o Anízio, patrono da Beija-flor ia lembrando de músicas do compositor e o povo cantarolava. Em dado momento aconteceu um lance incrível. Um samba antigo estava

sendo puxado de maneira errada e a Tereza, viúva do Cabana, com os olhos vermelhos de tanto choro, se achegou e puxou a letra certa. Ela, a musa do samba, cantava e chorava. Em seguida emendou com um outro, deixou os presentes cantando e se afastou lacrimosa. Foi emocionante.

Na hora dos enterros os sambistas são mais contidos, mas também se canta e quando o corpo baixa à sepultura, os aplausos são frenéticos. Assim foi o funeral da dona Ivone Lara, considerada como a “Grande Dama do Samba”. *Sonho meu*, música dela em parceria com o saudoso Décio Carvalho, foi cantada em forma de oração.

Luís Fernando Veríssimo escreveu: “Os tristes dizem que o vento geme; os alegres acham que ele canta”.

Quando este cronista morrer, tomara que não o velem em uma capela mortuária. Não tem a menor graça, pois não se pode cantar. a alma dele ficará feliz se o seu corpo estiver em um lugar onde possam orar juntos, católicos, protestantes, messiânicos, espíritas, judeus....

A melhor atitude que os ativistas podem tomar para transformar os intolerantes é a realização de descontraídos atos ecumênicos.

[Martinho da Vila, 2018 - *Crônicas de um ano atípico*.Kapulana; 1ª edição, 2019, p.81]

Depois dos primeiros duzentos metros, vencidos como um velocista, Onirê encontrou uma senhora e pediu ajuda. Ela olhou para a camisa ensanguentada, abraçou a bolsa e apertou o passo. Será que ninguém tinha ouvido os tiros, a gritaria? Sinal fechado, carros parados. Os motoristas o observavam e desviavam o olhar, os surpresos, os fatalistas, os indiferentes. As mulheres fechavam o vidro, as crianças no banco de trás perguntavam o que era aquele homem cheio de sangue. Teve mãe que mandou criança calar a boca, sob pena de ser atacada por Onirê. Um jovem branco que ouvia um modão no último volume abaixou o vidro. Onirê apressou-se até o carro, começou a contar o que tinha acontecido. O sinal abriu, o motorista buzinou e arrancou, não sem antes gritar: tá assistindo muito videogame, moleque.

Uma vontade de chorar, de desistir. O temor de encontrar algum policial que o enquadrasse e não acreditasse na sua história deixava um bolo no estômago e a garganta seca. Água, queria água. Sem documentos, sem dinheiro, ensanguentado. Vestia o uniforme da escola municipal, é verdade, mas e aquele menino alvejado pela polícia na favela do Rio que antes de morrer perguntou à mãe: por que o policial atirou em mim, mãe? Ele não viu que eu tava com o uniforme da escola? De todo modo, Onirê precisava de ajuda, tinha medo de não sobreviver sozinho. O desprezo doía mais que o ferimento, mas precisava insistir, buscar ajuda.

Movimentou-se até um motorista de táxi que lhe deu atenção enquanto palitava os dentes, ouviu sua história e disfarçou a descrença: sinto muito, mas meu carro é

alugado, não posso sujar o banco. Boa sorte aí, rapaz. Pediu auxílio a outro homem, uma senhora, uma moça. Todo mundo tinha medo, ninguém queria se envolver. O desespero de encontrar um carro da polícia ou um policial aumentava sua angústia. Não tinha mais sangue para perder e começou a ficar tonto, a ver vultos que o perseguiram.

Agora o ombro latejava e ardia. Decidiu então voltar a correr pela vida. Lembrou-se de haver um hospital próximo, mas não estava certo sobre a direção a tomar. Pediu informação a um adolescente, parecido com seu irmão mais novo. Por sorte, o menino sabia. Mesmo muito assustado, temendo que algum perseguidor de Onirê se voltasse contra ele também, Barazinho valeu-se do mantra da sobrevivência ensinado pelos pais em casa, nós por nós, e deu informações sobre a rota para o hospital.

Onirê juntou todas as forças e vontade de viver e correu. Correu como um maratonista na reta final. A uma quadra do hospital, ameaçou desfalecer e implorou a um pipoqueiro: eu não sou bandido, me ajuda, senhor, por favor. O homem se levantou confuso e nem desligou o gás do fogareiro. Amparou o menino que podia ser seu neto e de imediato o avental branco ficou vermelho.

A panela de pipocas transbordou e as flores do velho cobriram o chão. O que fizeram com você, meu filho? Tem atirador na escola municipal, eu estudo lá. Dois meninos invadiram o colégio com metralhadoras e machadinhas. Trancaram o portão, deram tiro pra todo lado e jogaram as machadinhas na gente que tentava fugir. Uma delas é essa que tá no seu ombro, meu filho? Sim, senhor. Eu pedi ajuda pra várias pessoas, mas ninguém quis me ajudar.

O vendedor de pipocas não segurou o choro, mas manteve-se firme amparando o jovem guerreiro a caminho da portaria do hospital. Lá preencheu a ficha, assegurou que Onirê era conhecido dele. Valendo-se da amizade que gozava com os funcionários da enfermagem, logrou atendimento rápido. Não largou da mão do menino na maca até que a mãe chegasse. Um homão daqueles, dezesseis anos, forte como um touro, correu cinco quilômetros com uma machadinha enterrada na clavícula.

Sabia pelos comentários das atendentes que, três semanas antes, um menino negro, forte, parecido com Onirê, dera entrada no hospital, resfriado. Como o caso era simples, a mãe o deixara lá na seção de triagem e foi resolver aflições do desemprego. Quando voltou recebeu o corpo do filho. Nenhuma explicação. Morreu. Alguém da família, enquanto mudava a roupa do morto, notou que as carnes das costas estavam flácidas, pareciam engolidas pelo vão dos ossos. Percebeu também corte e linha dupla costurando o peito, a barriga, dois lugares nas costas. Abriram para ver. Tinha estopa no lugar do coração. Nas costas, um imenso oco. O pipoqueiro não deixaria que a história de Onirê tivesse o mesmo desfecho.

[Cidinha da Silva, Portal Geledes, 09/04/202. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/thriller/>]



tenho a impressão que já nasci correndo. vivo ofegante. tem que correr que o tempo voa. outro dia o homem do restaurante perguntou se havia acontecido algo. pergunta retórica, afinal, sempre acontece algo. ele me conhecia, vivia correndo. correndo para sentar, correndo para almoçar, correndo pra pagar e de tanto que saía correndo... já vinha ele correndo atrás porque esqueci o guarda-chuva, a blusa, o celular, a bolsa, porque outro dia estava tão corrida que esqueci até de pagar. ele não correu, sabia que eu voltaria correndo qualquer hora dessa. ando correndo com a vida. o ônibus nunca espera. nem o metrô. nem as contas. chegava esbaforida às reuniões. as pessoas, alinhadas e bem vestidas, eu correndo descabelada, mal abotoada. a única coisa que faço sem correr é passar batom. uma parte da minha boca tem contornos fracos e tenho que passar o batom minuciosamente. amo passar batom, gosto de escolher as cores, mas às vezes escolho correndo. o bom, é que ando com cinco cores diferentes na bolsa, ter opção é importante. ah, beijar correndo também não gosto. a verdade é que eu corro demais, mas aprecio viver calmamente. as pernas cansam de correr. para o fumante correr é sempre um desafio. eu vivo correndo, mas sinto que nunca venço a corrida. corredora sem medalhas, assim posso definir. comer correndo também não gosto e como não gosto às vezes nem como. já corri de tiro também, mas minhas pernas eram mais jovens e meu fôlego para a vida era imenso. correr me deixa exausta. corro, e mesmo correndo muitas vezes não dá tempo. algumas vezes durmo correndo e corro com sono, ainda dormindo. da polícia nunca corri, aprendi que é melhor ficar. quando perguntam, como anda a vida? respondo, na

correria. penso que entendem. quanto mais velho a gente fica mais tem que correr. aprendi a falar correndo. mulher, onde você vai assim avexada? E vou alirapidinho comprar um pacote de açúcar que a água do café tá no fogo e não pode ir no mercado ontem e agora tenho que correr antes que a água seque e tchau bom te ver

e quanto mais a gente corre, menos a gente enxerga. é como se a corrida atrapalhasse a visão. apreciar as crianças, apreciar o descanso, apreciar o sol. não dá tempo. por isso, eu corro. eu corro mesmo em casa pra não perder o costume. as listas de tarefas nunca terminam. as obrigações de mãe também. elas correm e eu corro atrás delas. adorava apostar corrida quando criança. principalmente com os meninos que diziam que corriam mais rápido. quando não empatava com eles, sempre ganhava. era boa mesmo na corrida. a única coisa que ainda não fiz, foi sair correndo pelada na rua. tenho vontade. correr, que a própria vida é o pau de dar em doido.

aprendi a correr involuntariamente. vai logo. não demora. tá atrasada. corre. é urgente. é pra hoje ainda viu? não vai dar tempo. voa. vai fechar. anda logo. tá chegando? quantos minutos? vai disgrama! vai perder. simbora porra. vamo caralho. anda. corre. voa. tenho a impressão que já nasci correndo. ou fugindo. ou tentando chegar. a onde? não sei ainda. ninguém sabe, mas vou contar. os lesos são os que correm mais. só que nunca dá tempo. ando sem fôlego. a vida? anda corrida. a primavera, chegando sem pressa, para florir os caminhos de quem corre. hoje eu vi a flor e parei. ainda bem. agora, só amanhã.

escrevi correndo. você que lê, respira. respira. respira.



Realização



Secretaria Municipal
de Educação

Parceria técnica

